A paz é mais do que a ausência da guerra

O que está em causa é mais do que uma questão territorial.

Nuno Severiano Teixeira, *Público*, 26 de Novembro de 2025

Trump disse que acabava com a guerra num dia. Já lá vai um ano. E este não é o primeiro plano de paz. Se bem me lembro é já o quarto, e sempre com o mesmo resultado. Já houve de tudo e o seu contrário: acordos com Putin nas costas de ucranianos e europeus; humilhações a Zelensky na Casa Branca; ameaças a Putin de "severas consequências" se continuasse a inviabilizar o cessar-fogo; e, agora, o regresso aos acordos com Putin, nas costas de ucranianos e europeus.

O plano de 28 pontos negociado entre a Casa Branca e o Kremlin não é um plano de paz. É um plano de capitulação da Ucrânia e vitória definitiva da Rússia. A essência do plano era a cedência de território em troca de garantias de segurança. No plano territorial, a Ucrânia cederia todo o Donbass, mesmo o território que ainda controla (14,5%). Isto é, a Rússia ganhava "na secretaria" tudo que não conseguiu no campo de batalha.

Kherson e Zaporijjia ficariam pelas linhas de contacto. E a Crimeia seria internacionalmente reconhecida como território russo. Não só *de facto,* mas também *de jure*. A Rússia comprometer-se-ia a não invadir os países vizinhos. O que, na sua boa tradição de violar os acordos que assina (de Budapeste em 1994 a Minsk em 2014/2015), não daria confiança a ninguém, sobretudos aos vizinhos já vítimas dessas violações. E, em caso de ataque russo, as garantias de segurança da Ucrânia seriam uma "resposta decisiva e coordenada", seja lá o que isso for.

No plano militar, as Forças Armadas ucranianas ficariam reduzidas a 600 mil soldados limitadas na sua estrutura de forças e sistemas de armas. E, finalmente, a Ucrânia teria de renunciar para sempre à sua adesão à NATO. No plano económico, a Ucrânia renunciaria a todas e quaisquer indemnizações e reparações de guerra e a Rússia regressaria ao G8. A única contrapartida: os activos russos congelados na Europa seriam descongelados e usados na reconstrução da Ucrânia. O detalhe é que o "congelador" está na Europa, ausente das negociações.

No plano político, a Ucrânia comprometer-se-ia a realizar eleições até 100 dias após o acordo. E, o mais chocante, haveria uma amnistia geral e a todas as partes, incluindo aos autores de crimes de guerra.

A concretizar-se, tal plano não significaria só a vitória estratégica da Rússia e o fim da integridade e soberania da Ucrânia, afectaria também, e gravemente, a segurança da Europa e a coesão da NATO. Não seria apenas, como disse a imprensa internacional, "o sonho russo e o pesadelo ucraniano". Seria também o

sonho de Trump: a consagração internacional das “esferas de influência” e a primeira derrota formal de uma democracia.

No seu discurso à nação, Zelensky disse que estava perante uma escolha difícil: perder a dignidade ou perder um aliado chave. Mas a indignidade do plano era tal que não teve alternativa. Escolheu a dignidade. E, por uma vez, os europeus também.

Reunidos em Genebra, acordaram numa contraproposta que, sem romper formalmente com a de Trump, introduzia, na substância, alterações significativas. O primeiro ponto reafirma a soberania da Ucrânia. No plano territorial, todas as negociações partiriam das linhas de contacto actuais. No plano militar, as Forças Armadas ucranianas poderiam atingir até 800 mil militares em tempo de paz. No plano económico, a Ucrânia deveria ser compensada pelos danos sofridos e prevê-se um pacote robusto de reconstrução e desenvolvimento. E no plano político, as eleições seriam tão breve quanto possível, mas sem data marcada. Mais importante, a Ucrânia poderia aceder à União Europeia. E à NATO, se e quando houvesse um consenso entre os Estados-membros.

É politicamente improvável, para não dizer impossível, mas, formalmente, não deixa a adesão à organização nas mãos de um país terceiro.

Finalmente, as garantias de segurança seriam robustas e equivalentes às do Artigo 5.º da NATO.

Os europeus consideraram que esta era uma boa base de entendimento com Trump. Mas, antes mesmo da resposta americana, chegou, sem surpresa, a recusa liminar de Moscovo. Americanos e ucranianos continuam as negociações e diz-se que um acordo está perto. Faltam as questões sensíveis, que ficam para o encontro entre Trump e Zelensky. Ver-se-á o resultado final. Mas falta, sobretudo, o acordo da Rússia. Porque o que é aceitável para Rússia não é para a Ucrânia e para a Europa, e o que é aceitável para a Ucrânia e para a Europa não é para a Rússia.

Trump não sabe, mas a paz é muito mais do que a ausência da guerra. E o que está em causa é mais do que uma questão territorial. É a soberania da Ucrânia, a segurança da Europa e a própria democracia.

https://www.publico.pt/2025/11/25/opiniao/opiniao/paz-ausencia-guerra-2155996